



DL-01

Ses. Esp. 10/12/08

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial sobre o Biodiesel e a Agricultura Familiar – desafios para a inclusão social, proposta pela nobre deputada Neusa Cadore, do PT.

Convido para compor a Mesa a proponente da sessão, a Exm^a Sr^a Deputada Neusa Cadore; a Exm^a Sr^a Deputada Fátima Nunes; o Exm^o Sr. Deputado Bira Coroa; a Sr^a Maria Delian Gomes dos Santos Sodré, superintendente federal da Agricultura na Bahia; o Sr. Miguel Rossetto, diretor de Suprimentos e Desenvolvimento Agrário da Petrobras Biocombustível; a Sr^a Telma Andrade, representando o secretário da Ciência e Tecnologia e Inovação do Estado da Bahia, Ildes Ferreira; o Sr. Wagner Leite, representando o secretário da Agricultura e Reforma Agrária da Bahia, Roberto Muniz; o Sr. David Leal, gerente de Suprimentos da Petrobras Biocombustível; o Sr. Daniele Cezano, engenheiro ambiental e pesquisador na Universidade Federal do Rio de Janeiro; e o Sr. José Paulo Crisóstomo Ferreira, representante da Unicafe.



5678-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. Neusa Cadore

Biodiesel.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra à nobre deputada Neusa Cadore, proponente desta sessão.

A Srª NEUSA CADORE:- Sr. Presidente, senhoras e senhores presentes ao Plenário, quero iniciar saudando a Mesa; o nosso presidente, deputado Marcelo Nilo; a nossa companheira deputada Fátima Nunes; o Sr. Lourival Gusmão, delegado federal do Ministério do Desenvolvimento Agrário; a Srª Maria Delian Gomes dos Santos Sodré, superintendente federal da Agricultura na Bahia; e o Sr. Miguel Rossetto, nosso querido companheiro e palestrante oficial desta sessão especial, ex-ministro e, hoje, diretor de Suprimento e Desenvolvimento Agrário da Petrobras Biocombustível – muito nos honra a sua presença.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Deputada Neusa, eu gostaria de pedir permissão a V.Exª para convidar o Dr. Paulo César, diretor da CAR, para sentar à Mesa. Peço desculpas por nossa falha.

Muito obrigado pela compreensão.

A Srª NEUSA CADORE:- Quero saudar a Srª Telma Andrade, representando o secretário de Ciência e Tecnologia; o Sr. Wagner Leite, representando o secretário da Agricultura e Reforma Agrária, Roberto Muniz; o Sr. David Leal, gerente de suprimentos da Petrobras Biocombustível; o Sr. Daniele Cezano, parceiro de lutas em Pintadas, pois ele é engenheiro ambiental e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro; o nosso companheiro José Paulo, representante da Unicafes; e também Paulo César, nosso companheiro de governo, que está à frente da CAR.

É uma grande alegria estarmos aqui. Queria agradecer pela presença a todas as pessoas que se sensibilizaram e vieram para este debate.



A iniciativa desta sessão especial teve como ponto de partida as indagações de nosso mandato e das nossas bases. São indagações que surgem a partir do biodiesel em sua interface com a agricultura familiar.

O biodiesel pode promover a inclusão social de agriculturas e agricultores familiares? Essa é uma grande pergunta e por isso nos interessa este debate.

É possível conciliar o cultivo da matéria-prima para a produção do biodiesel sem comprometer a produção de alimentos e a sustentabilidade ambiental?

Esta sessão tem, assim, o objetivo de provocar uma discussão. Nós não queremos que o de hoje seja um evento pontual, um episódio a mais, uma sessão como tantas outras, um debate à parte. Nós queremos provocar... (lê) *“...discussão em torno dos limites e possibilidades da inserção da produção do biodiesel no contexto do empoderamento e fortalecimento da agricultura familiar.*

Devemos nos questionar acerca da possibilidade da construção de um modelo de desenvolvimento que contemple a nova matriz energética e enfrente o desafio de ampliar as oportunidades para os agricultores familiares, aumentando a geração de emprego no campo, e ao mesmo tempo, garantindo a segurança alimentar.

Apesar de toda a polêmica que esse debate envolve, sobre a competição com os complexos agroindustriais, recentemente, o presidente Lula declarou que o biodiesel constitui uma chance extraordinária para a agricultura familiar do semi-árido nordestino conseguir uma melhor renda e defendeu a possibilidade de compatibilizar a produção de alimento e o combustível, sem prejuízos para nenhuma das partes.

O Brasil possui mais de 4,1 milhões de estabelecimentos familiares, o que equivale a 84% dos imóveis rurais do país. De cada dez trabalhadores do campo, cerca de oito estão ocupados em atividades familiares, que juntos geram 40% do Valor Bruto da Produção Agropecuária do Brasil. Hoje, a agricultura familiar responde por cerca de 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros.



Por outro lado, a necessidade de se obter fontes alternativas de energia, após a crise do petróleo, principalmente em países em desenvolvimento, tornou-se primordial. Uma das alternativas colocadas foi a utilização de óleos vegetais em motores de ciclo diesel. O Brasil, que se destacou em 1975 ao criar o Programa Nacional do Álcool Combustível, e que voltou a ser pioneiro em 2005, com o Programa Nacional de Biodiesel, vem desenvolvendo estratégias para relançar sua ofensiva mundial a favor desses combustíveis destilados de cultivos. Os avanços científicos abrem espaço para ,que os agrocombustíveis se convertam em um novo produto básico capaz de conquistar o mercado mundial. Para isso, o país investe em estudos que podem dar resposta às preocupações sobre os efeitos nocivos de sua produção na oferta e nos preços dos alimentos e na conservação das florestas. O governo brasileiro insiste em que a tecnologia nacional é viável, reduz as emissões que causam o aquecimento global e se baseia em matérias-primas renováveis, sem prejudicar a produção de alimentos.

Cabe indagar: O biodiesel poderá vir a representar um meio de fortalecer e inserir de maneira sustentável a agricultura familiar no mercado de bioenergéticos?? Para esta resposta, consideremos a produção de culturas oleaginosas adaptadas à região do semi-árido, com ênfase no cultivo da mamona. Isso aumentaria a oferta de matéria-prima para a indústria do biodiesel gerando um desenvolvimento com igualdade, emprego e renda no campo.

O Brasil, devido a sua grande extensão territorial e seu clima propício a plantação de sementes oleaginosas, é um país com grande potencial para exploração da biomassa ,para fins alimentícios, químicos e energéticos.

O Brasil consome atualmente, 40 bilhões de litros/ano de óleo diesel. Desse total 6 bilhões de litros são importados. Diante desse cenário, o biodiesel, conhecido como o diesel vegetal, surgiria como um combustível não só capaz de substituir a importação e diminuir a poluição, como de promover a inclusão social pela geração de emprego e renda nas cidades e no campo.



Se, por exemplo, fossem mobilizadas 500 mil famílias em áreas de três hectares para cada uma, e elas plantassem mamona no semi-árido nordestino, consorciada com o feijão, poderíamos produzir, aproximadamente, 15% do total do diesel importado. Nessa proporção três milhões e trezentas mil famílias ocupando dez milhões de hectares produziriam o que o Brasil importa. A população do meio rural conhece e sabe trabalhar com as oleaginosas que produzem o biodiesel como: mamona, dendê, babaçu, pinhão manso, soja, e não precisa de grandes conhecimentos para plantar, colher, extrair e processar o óleo.

O Programa de Biodiesel da Bahia foi implantado sob a coordenação da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI), um ano depois da iniciativa do Governo Federal de criar o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel, e na Bahia também temos o desafio de consolidar a produção, bem como o processamento de oleaginosas, beneficiando um maior número de famílias na agricultura familiar - prioridade do programa. Além de buscar aumentar a participação das energias renováveis, em especial o biodiesel, na matriz energética do Estado, tornando-o auto-suficiente em biocombustíveis de forma sustentável e principalmente incluyente.

O Programa de Biodiesel da Bahia é estratégico dentro do programa federal e encontra no Estado uma vocação natural para seu desenvolvimento. Atrativos há de sobra para investimentos no Estado. As condições climáticas "excelentes" permitem o trabalho com diversas culturas, como soja, algodão, amendoim, girassol, dendê e principalmente mamona, sendo esta um dos focos de políticas de incentivo à pesquisa e desenvolvimento de soluções para o biodiesel, que apontam para a prioridade do programa: a agricultura familiar no Semi-Árido.

Somando os trabalhos desenvolvidos pelas empresas públicas e privadas em parceria com as organizações da agricultura familiar, a Bahia já atinge mais de 50 mil famílias. A organização da produção ainda é um imenso desafio para o Estado, que não tem a cultura, não tem cooperativismo, e principalmente porque a inserção do biodiesel é uma oportunidade



ímpar para a agricultura familiar, não perdendo de vista o fortalecimento dos sistemas de policultivo e/o consórcios.

O desafio está lançado: considerando que o programa de biodiesel terá forte impacto no campo, nós nos perguntamos como desenvolver mecanismos para estimular a entrada, de forma qualificada, da agricultura familiar nessa cadeia produtiva??”

Então, nosso desejo e objetivo é que esse evento não seja pontual e encontremos novos parceiros na sociedade civil, nos movimentos organizados para que numa grande parceria possamos nos articular com este importante programa. E igualmente que no semi-árido baiano os agricultores e familiares tenham na qualidade de vida uma participação e um impacto que os insira nesse programa, que tem mercado e financiamento. E que os pequenos de fato possam ser beneficiados.

Muito obrigada. (Palmas!)

(Não foi revisto pela oradora.)



5679-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. Lourival Gusmão

Biodiesel.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar mais uma vez o Sr. Delegado Federal do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Lourival Gusmão, para compor a Mesa. (Pausa) Muito obrigado.

Passo a presidência dos trabalhos à deputada Neusa Cadore, tendo em vista eu ter um compromisso assumido anteriormente e precisar me ausentar. Gostaria de parabenizar a nobre parlamentar pela realização deste evento e agradecer a presença de todos, em especial o ex-ministro hoje diretor de Suprimentos e Desenvolvimento Agrário da Petrobras Biocombustíveis.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando continuidade à sessão, convido para fazer uso da palavra o Sr. Lourival Gusmão, Delegado Federal do Ministério do Desenvolvimento Agrário, pelo tempo de 5 a 7 minutos. Sete minutos, por favor.

O Sr. LORIVAL GUSMÃO:- Bom dia a todos e a todas. Queria saudar a Mesa Diretora desta Casa na pessoa do companheiro Miguel Rosseto, agradecer à deputada Neusa Cadore pelo convite. Fui pego de surpresa para falar agora, mas não podemos deixar que as coisas passem batidas.

Bem, nós vivemos o começo desse debate sobre o biodiesel, aqui no Estado da Bahia, e tem nos entusiasmado bastante essa idéia que o presidente Lula teve a coragem de implantar, e agora, recentemente, na criação da empresa com uma das direções de Miguel Rosseto nos impõe uma responsabilidade muito grande no nosso campo, no qual nós trabalhamos, que é agricultura familiar no Estado da Bahia.

Nós somos um Estado com o IBGE indicando quase 700 mil agricultores familiares neste Estado, proprietários, estabelecimento em vários biomas, o cerrado, a caatinga, na zona da mata, nas zonas de transições, no agreste, onde essa potencialidade da produção, de



produtos oleaginosos, como o dendê, o amendoim, o girassol, a soja, a mamona, elas estão presentes em todos os biomas, em todos as regiões do Estado da Bahia.

Então, eu considero que a Bahia seja se não o maior ou o segundo, quem sabe o maior, ou mais importante estado da federação na oferta de potencialidade para a produção de biocombustível a partir de produtos oriundos da agricultura familiar. Nós sabemos também que nossos agricultores familiares, ainda com baixo nível de organização, e também as nossas instituições públicas ainda num processo de organização, de absorção dessa política, ainda temos muito que andar.

Nós do Ministério do Desenvolvimento Agrário temos discutido constantemente nos territórios, temos conversado bastante com a nossa EBDA, que tem desenvolvido políticas de pesquisa com mamona, talvez seja a única instituição que mais tem pesquisado sobre mamona no Estado da Bahia. Está ali o companheiro pesquisador presente aqui. O que nós estamos buscando agora, o que nós precisamos agora, é fazer com que todos esses atores e elementos da produção consigam organizar-se num processo que venha gerar riqueza, que venha gerar agregação de renda na agricultura familiar baiana que é muito baixa. Nós temos agricultores familiares, nós temos potencialidade natural, nós temos já um acúmulo de pesquisa, nós temos um conjunto de elementos que poderá levar ao sucesso.

Acredito com energia que tenho, nesse momento, que nós possamos em pouco tempo, diria de um a dois anos, começar a se destacar o Estado da Bahia como um dos maiores produtores de biodiesel, com produtos oriundos da agricultura familiar. Para isso, nós precisamos da ação do governo federal, da ação dos bancos, pois as coisas ainda não estão muito claras, Banco do Nordeste, Banco do Brasil, da extensão rural que as coisas ainda estão por acontecer, organizar mais a pesquisa, focalizar, centralizar, dar mais foco à pesquisa, enfim, precisamos dar velocidade para que esses elementos, esses atores se integrem e venhamos, em breve, fazer valer a política do biodiesel, que é ambientalmente correta, e venha a atender o nosso público, o qual defendo, especialmente os agricultores familiares.

Muito obrigado.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5680-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. Wagner Leite

Biodiesel.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Agradecemos a contribuição de Lourival Gusmão.

Convido, agora, para fazer uso da palavra o Sr. Wagner Leite, representante do Secretário da Agricultura e Reforma Agrária do Estado da Bahia.

O Sr. WAGNER LEITE:- Bom-dia a todos e a todas.

Primeiro, gostaria de agradecer em nome do secretário o convite, a disponibilidade de estar aqui, o secretário, infelizmente, teve um outro compromisso e estou aqui o representando. Em nome da deputada Neusa Cadore gostaria de cumprimentar todos os membros, fui pego de surpresa, assim como o Dr. Lourival, então vou tentar tecer aqui algumas considerações.

Primeiro, faço minhas as palavras do Dr. Lourival, realmente a Bahia tem um grande potencial para ser o maior produtor de biodiesel pela agricultura familiar, e isso eu estava até conversando com o Dr. Miguel Rosseto, é extraordinária a quantidade de agricultores que a Bahia tem e o potencial que existe nesses três biomas que comportam a Bahia.

Ontem, eu estava fazendo um relatório e nele estava relatando os problemas da mamona. Fiz questão até de mencionar uma frase que me marca muito, o pessoal fala muito que o biodiesel de mamona não serve. Só para a gente ter uma idéia: se fôssemos usar toda a planta da Petrobras de Candeias só com mamona, precisaríamos aproximadamente de 140 mil hectares de mamona produzindo mais ou menos 900 quilos por hectare. Nós produzimos este ano, safra 2008/2009, 120 mil hectares com a produção de mais ou menos 100 mil toneladas. Ou seja, se pegássemos toda a produção de mamona da Bahia ainda não conseguiríamos suprir somente a Petrobras. Nós temos a refino química, temos outras empresas, e a produção da Petrobras aqui não é 100% do biodiesel do Brasil.



Então o potencial existe, temos muito para trabalhar, acho que existe um grande ponto positivo que é a integração entre o governo do Estado, governo Federal e as empresas. Nós temos muito mais uma relação quase pessoal do que profissional, e isso ajuda a facilitar a situação. Mas ainda precisamos, como disse o Dr. Gusmão, agilizar. Acho que 2009 será o ano de divisor de águas, nós conseguiremos realmente agilizar e tornar a agricultura familiar fortalecida, grande produtora, porque acredito piamente que aumentando a produção de biodiesel, conseqüentemente aumentaremos a produção de alimento, porque a agricultura familiar não faz a produção de óleo sozinha, ela faz consorciada, e é esse o nosso estímulo.

Muito obrigado.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5681-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. Telma Andrade

Biodiesel.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Agradecemos a contribuição do Sr. Wagner Leite.

Queria convidar para fazer uso da palavra a Sr^a Telma Andrade, que representa aqui o Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado da Bahia.

A Sr^a TELMA ANDRADE:- Bom-dia a todos.

Gostaria de saudar as mulheres presentes nesta Casa em nome da deputada Neusa Cadore e os homens em nome do Dr. Miguel Rosseto. Quero agradecer o convite em nome do secretário Ildes Ferreira, secretário de Ciência e Tecnologia, e dizer do prazer do Dr. Ildes de ser convidado para esta sessão e da felicidade de sabermos que o fortalecimento da agricultura familiar passa por ações dessa ordem.

Vou rapidamente falar um pouco das ações da Secretaria de Ciência e Tecnologia, que são ações de pesquisa. Nós centramos nossas ações em várias áreas. Primeiro, na produção do biodiesel. Para isso, estamos implantando uma unidade-piloto de produção de biodiesel de 150 litros/hora em Irecê, no Semi-Árido. É uma unidade-piloto, para estudo, em parceria do governo do Estado e com o Cefet, e tem uma função de criar mão-de-obra qualificada para essa área e também difundir a tecnologia.

Em 2009, licitaremos três novas unidades-piloto. Estamos com projeto em parceria com Chesf e Cefet para colocar em Paulo Afonso outra unidade de produção também dessa ordem, são unidades para estudo, outra para o Baixo Sul, também em parceria com o Cefet, e uma terceira que ainda está indefinida. Criamos dois cursos em parceria com o Cefet: o curso técnico em biocombustíveis, em Porto Seguro, e a especialização em biocombustíveis na Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus. Com isso, garantimos que todo esse crescimento, essa possibilidade da implantação de empresas e também de garantimos a



segurança energética através da produção de biocombustíveis e particularmente do biodiesel com cooperativas, por empresários, já que a ANP permite até uma determinada quantidade de biocombustíveis que se possa produzir para cooperativas ou para pequenos produtores. Então, é preciso que essa tecnologia seja difundida. Paralelamente, estamos também tendo ações em relação ao etanol, e no Cefet de Porto Seguro estamos trabalhando com a planta-piloto de produção de etanol e açúcar, garantindo ao mesmo tempo segurança alimentar e segurança energética.

Do ponto de vista de melhoramento genético nós estamos voltados para oleaginosas e produção de outras oleaginosas. Estamos apoiando vários estudos e participando como pesquisadora – eu inclusive – de estudos da introdução de oleaginosas, por exemplo, na área de Valente, e também do acompanhamento dos campos experimentais de pinhão-mansão conduzidos pela EBDA. Fui recentemente a Alagoinhas ver o campo experimental – é bem próximo daqui da EBDA. Vale a pena fazer uma visita. Está lindíssimo o campo de pinhão-mansão. Tem cerca de dois anos e são vários experimentos em várias ordens, tanto no espaçamento quanto em insumos. Está muito, muito bonita a produção. Então, acho que é o momento de pesquisarmos a introdução de pinhão-mansão, que não me parece muito favorável no Semi-Árido, a não ser que seja com bastante insumo e com irrigação. Ao contrário do que se tem se falado, é preciso bastante água, pelo menos 1.500 milímetros de chuva anual bem distribuídos, e insumos. Vemos a produção lá no campo experimental de Alagoinhas com e sem insumos, a diferença é muito grande, mas é preciso pesquisar, é preciso encontrar, cultivar novas espécies que sejam realmente adaptáveis ao Semi-Árido.

Em relação a isso, fizemos um evento recentemente na Ceplac, discutindo a questão do dendê, que tem uma grande disputa, tanto pelos meios acadêmicos como pela agricultura familiar em relação às variedades dura e tenera. Existe um argumento muito forte que o tenera é muito produtivo, e existe um argumento forte dos agricultores familiares que o dura é de melhor facilidade no cultivo, nos tratos culturais. Chegamos à conclusão na Ceplac, no mês de novembro, de que, do ponto de vista ecológico, do ponto de vista da saúde do Planeta, a gente



não pode ter uma só variedade. Então, temos que trabalhar tanto o dura, para que produza semente de boa qualidade, de melhor qualidade, selecionada para que tenhamos uma produção. Ou seja, temos que garantir a saúde do Planeta, além de tudo.

Ainda do ponto de vista de pesquisa, estamos com um grande projeto de melhoramento genético e de seleção de sementes que foi enviado à Petrobras e estamos aguardando as respostas. Aí entra tanto o pinhão manso, como outras espécies de oleaginosas presentes na Bahia.

Por último, um dos nossos trabalhos tem sido também na área de extração de óleo vegetal. É um projeto em que já trabalhávamos antes, quando estava na Universidade Federal da Bahia, e estamos então discutindo o tamanho ideal, ou o mais produtivo, ou alternativas para a agricultura familiar e a extração de óleo vegetal de forma geral.

Então, essa é uma forma sucinta de mostrar as nossas ações do ponto de vista da ciência e da tecnologia. Estamos também com forte parceria com a Seagri, encaminhando projetos ao CNPQ e a outros órgãos financiadores para buscar recursos para a Bahia.

Muito obrigada a todos, e um bom dia! (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)



5682-II

Ses. 10/12/08

Or. Fátima Nunes

Biodiesel.

O Sr. PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Obrigada a Dr^a Telma.

Queria conceder a palavra a nossa valorosa companheira deputada Fátima Nunes.

A Sr^a FÁTIMA NUNES:- Bom dia a todos e a todas.

Quero fazer uma saudação à Mesa na pessoa da deputada Neusa Cadore, proponente desta sessão e quero que essa minha saudação se estenda a todas as autoridades presentes, tanto do governo quanto da sociedade civil organizada, porque, na verdade, todos compreendemos que estamos vivendo um tempo novo na Bahia, no qual as organizações do povo, principalmente do povo que, por longos anos, ficou do lado de fora e que hoje está incluídos no debate de desenvolvimento sustentável, para que possamos, de fato, fazer acontecer a redução das desigualdades sociais, a inclusão daquelas pessoas que sempre foram discriminadas e, assim, daqui a um tempo, confirmar a frase que acena nas bandeiras do Brasil e da Bahia: “Um país de todos e uma terra de todos nós.

E sabemos que isso só ocorrerá se houver, realmente, o envolvimento dos órgãos de governo e, por isso, temos aqui muitos órgãos presentes aqui e também o povo trabalhador, que tem essa mão-de-obra corajosa que pode, realmente, transformar a nossa Bahia. Temos aqui cientistas, estudiosos da universidade, pessoas do movimento popular e das organizações de governo.

Todos nós conhecemos as estatísticas do mundo rural e percebemos que, nos últimos anos, o número de pessoas, e isso já vem ocorrendo a longo tempo, se acentuou, e as cidades cresceram bastante. Ou seja, até as cidades do interior, as mais distantes da capital, cresceram muito, porque o nosso povo sempre viu que nelas talvez fosse uma oportunidade de ter uma vida mais cômoda, com o trabalho, a energia, a água na torneira, a televisão, enfim, um mundo mais participativo.



Mas estamos vendo que cada vez que se acumula um maior número de pessoas nas cidades em que não houve a infra-estrutura preparada para recebê-las, acumulam-se também problemas como o esgotamento sanitário, que é precário, a falta de empregos, de escolas adequadas para preparar a mão-de-obra. Só um exemplo: por esses dias, na minha cidade, disseram que ia ser feito um Ponto Cidadão e que precisavam de cinco pessoas, mas que mandassem umas 10 ou 12 para fazerem um teste e que tivessem o 2º grau, boa desenvoltura e um trato com as pessoas. Mandamos 15 pessoas e, dessas, somente 2 conseguiram, e olhem que foi um teste simples, de conversar com psicólogo. Isso é só para percebermos que a qualidade de preparação, de capacitação, tem sido um tanto deficiente neste mundo moderno que precisamos.

Então, quero, desejo, por isso, parabenizar, tanto a deputada Neusa, que trouxe esse debate, que é polêmico, muitos dizem que com o biocombustível avançando são de fato os que sempre ganharam dinheiro, os que sempre se deram bem no Brasil que vão esparramar por aí afora, destruir as matas e as florestas para plantar o biodiesel e, assim, complicar mais ainda o nosso meio ambiente, mas o objetivo do projeto, a intenção do presidente Lula, os discursos e os debates das pessoas que pensam no biodiesel têm um outro foco, é preciso equalizar, achar um acerto entre essas duas teses para que de fato possamos ver a energia limpa para garantir ao planeta mais segurança e equilíbrio e, junto com isso, também garantir mais distribuição de renda.

Às vezes, quero ficar satisfeita com essa idéia, porque percebo que é preciso investirmos no campo para que as pessoas possam voltar para ele. Quero dizer isso porque também ontem ouvi no debate que fizemos aqui com as Escolas Família Agrícolas uma frase muito importante de um companheiro de luta, mineiro, coordenador da Unefab, que disse o seguinte: é preciso prepararmos os jovens do campo, mas é preciso também desenvolver o campo, porque senão eles vão embora, mesmo estando formados, com o seu diploma na mão, com a sabedoria, mas se não tiverem como trabalhar por lá, não tem jeito, eles vão embora.



Então, quero crer que esse programa, esse biodiesel possa ser uma forma mais clara, que os cientistas que discutem e preparam as metas de atendimento e de produção possam colocar dentro disso também uma outra metodologia e outra norma ambiental para que não venha a acontecer de fato a tragédia dos desmatamentos e também a tragédia de o lucro ficar sempre nas mãos daqueles que já lucraram bastante. Que possamos ter a segurança ambiental garantida com a energia limpa e que possamos garantir a renda na mão daqueles que foram sempre menos favorecidos. Esses são os dois objetivos que acho importantes para o nosso trabalho.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo oradora.)



5683-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. Paulo César

Biodiesel.

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Obrigada, companheira Fátima Nunes.

Quero conceder a palavra ao diretor executivo da CAR, Dr. Paulo César.

O Sr. PAULO CÉSAR:- Bom-dia a todos e a todas, quero cumprimentar a Mesa através da deputada Neusa Cadore, requerente desta sessão.

A CAR e suas atividades no que diz respeito à questão do biocombustível normalmente são feitas contando com a parceria de outros órgãos do governo. Temos participado de várias atividades, vários eventos promovidos pelo governo da Bahia sobre esse assunto, mas particularmente queria ressaltar aqui duas iniciativas que estamos fazendo no presente momento e que terão resultados de forma bastante imediata, aliás, três iniciativas que vão estar no campo de forma bem imediata. Duas são feitas com a Secretaria da Agricultura, especialmente com a Superintendência de Agricultura Familiar, uma voltada para a questão das sementes. Nós estamos tentando estruturar e estamos bastante avançados nessa discussão, com preparação inclusive dos termos de um edital de licitação para estruturar um sistema de distribuição de sementes, sobretudo na região dos 51 municípios da Bahia, aqueles onde está sendo implantado o programa Terra de Valor, lançado pelo governador, voltado para o desenvolvimento do Semi-Árido. São 51 municípios da região do Nordeste da Bahia e estamos discutindo uma estruturação de uma lógica de distribuição de sementes, bastante sistemática e articulada. São sementes alimentares e, lógico, também, sementes voltadas para a matéria-prima do biocombustível. Essa iniciativa eu quero ressaltar aqui.

Outra iniciativa é a que estamos discutindo também com a superintendência de Agricultura Familiar, com a Casa Civil. Estamos apresentando uma proposta, já em fase de negociação, junto a Petrobras para trabalharmos em termos sobretudo de preparação de solos em dois territórios, o de Irecê e do Velho Chico, para que a CAR possa com esse suporte, em



parceria com a Superintendência de Agricultura Familiar, fazer um processo de preparação de solo para 60 mil hectares, com análise de solo, trabalho com arado, com grade e também para várias áreas com subsolagem, porque, sobretudo na área de Irecê há o problema grave da compactação do solo devido ao manejo ao longo dos anos de forma errada de determinadas máquinas e instrumentos da chamada agricultura moderna daquele tempo. Estamos preparando alguma coisa sobre isso, a preparação do solo, a correção do solo para esses dois subterritórios.

Além disso, temos um programa chamado Gente de Valor que atua em 34 municípios de baixo IDH da Bahia. É um projeto que tem um acordo com o FIDA- Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrário -, e nós obtivemos junto com esse órgão a doação de um recurso para investimento na área de biocombustível. Já estamos inclusive com esse recurso em mãos e estamos fazendo exatamente essa discussão agora com os nossos parceiros para ver qual a melhor maneira para que esse recurso possa potencializar as ações da agricultura familiar, especialmente nesse campo do biocombustível.

Possivelmente esse recurso será utilizado mais no processamento do produto, como desdobrar o processamento do produto entre outras possibilidades. Temos conversado com a própria Telma sobre esse assunto.

Essas são as iniciativas que a CAR tem tomado, todas elas, insisto em afirmar, são iniciativas articuladas com outros órgãos do governo, porque temos que construir uma política única nessa área sob pena de não conseguirmos avançar se ficarmos cada setor trabalhando numa área de forma pontual. É preciso articular e temos feito esse esforço, essas atividades articuladas para ver se conseguimos dar um desdobramento mais rápido para a questão do biocombustível.

Esse mesmo tema serve para outras áreas da matriz energética rural. Estamos começando agora com a Sema – Secretaria de Meio Ambiente -, para trabalhar alguma coisa de postos energéticos voltados sobretudo para outro tipo de matriz energética, que é mais



usada no campo e que já estamos começando a desenvolver junto com a Secretaria de Meio Ambiente.

Era isso. Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



5684-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. Delian Sodré

Biodiesel.

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Gostaria de registrar algumas presenças e agradecer pela participação nesta sessão: Dr. Walfredo Dourado -que é um pesquisador da EBDA; Maria Idalina Santana – que é da gerência da Usina de Candeias; Dr. Geraldo Santana – de uma cooperativa de agricultura familiar; Adriano Souza – que está representando o secretário de Desenvolvimento Urbano, Dr. Afonso Florence; Jorge Amaro, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lauro de Freitas; e Libanilson Oliveira, que é da Coteba e do MLT.

Há outras pessoas que anunciaremos no próximo intervalo.

Concedo a palavra à Dr^a Delian Sodré, da Superintendência Federal da Agricultura da Bahia.

A Sr^a DELIAN SODRÉ:- Bom-dia. Nas pessoas da deputada Neusa Cadore e de Miguel Rosseto, saúdo todas autoridades presentes; e nas pessoas de Vânia, uma companheira de Iramaia que está aqui nesta platéia, e de Walfredo, de Irecê, do Semi-Árido, pesquisador, saudar todos os homens e mulheres que estão aqui.

Inicialmente, quero me referir à satisfação de ter recebido este convite, ressaltando a importância que tem esses eventos para discutirmos questões que busquem a inclusão social e o desenvolvimento econômico, principalmente dos agricultores familiares.

Represento um órgão que na maioria das vezes é confundido, pois as pessoas não conseguem compreender a relação do Ministério da Agricultura com os produtores. Isso ocorre porque essa Pasta é chamada do ministério do agronegócio, e assim as pessoas entendem que o agronegócio é só dos grande produtores. Mas estamos querendo acabar com essa impressão, porque o pequeno, o médio e o grande produtor o integram. E as ações do ministério são diretamente voltadas para a produção, seja ela de qualquer natureza, tanto na área vegetal como na animal.



E nós do ministério, principalmente nestes últimos 6 anos que estou à frente da Superintendência, temos buscado nos aproximar muito do agricultor familiar, da pequena produção. E fazemos isso porque sabemos que, por sermos um País com tantas desigualdades sociais, temos de consolidar ações que gerem emprego, desenvolvam o campo e crie condições para a fixação do homem lá, a exemplo de educação, conscientização, investimentos, ajuda na produção, avanços tecnológicos, pesquisas, etc.

Acho que Neusa colocou uma coisa extremamente importante no início da fala dela, quando disse que a concepção deste nosso encontro hoje aqui é a de que ele é apenas de provocações. Precisamos estar mais juntos para discutir e elaborar a nossa participação nesse processo.

Fundamos – Superintendência da Agricultura e a Secretaria da Agricultura – fundamos o Fórum Baiano de Desenvolvimento Agropecuária, organismo que vai nos ajudar a elaborar propostas para consolidar as ações agropecuárias na Bahia. Esse fórum, que existe há uns 2 meses, começou com 19 entidades e agora já está com 32; e muitas outras já estão chegando. E temos a certeza de que ele vai contribuir imensamente para o desenvolvimento agrícola na Bahia.

Temos discutido essa questão em vários momentos. Houve a mudança recente do secretário, por isso ainda não tivemos a oportunidade de discutir, mas estamos sempre juntos em todos os eventos agropecuários. Depois que ele assumiu, não tem muito tempo, já nos encontramos, pelo menos, umas seis vezes. E temos a certeza de que vamos continuar a desenvolver essas políticas, porque, na nossa concepção, o que queremos é consolidar esta Bahia de todos nós, que é o objetivo do governo Jaques Wagner.

E sabemos que serão as ações unificadas dos órgãos envolvidos na agricultura que consolidarão isso. Até estávamos conversando com Neusa antes do início desta sessão e colocávamos o seguinte: precisamos encontrar o caminho correto para que a gente consolide a participação efetiva dos agricultores de pequena produção nesse contexto do biodiesel. Nós



sabemos das divergências que há, de tudo que há, mas nós sabemos também da importância desse processo.

Então, deputada Neusa, eu queria agradecer mais uma vez pelo convite para estar presente aqui e pelos colegas que não estão agora, mas que, possivelmente, farão parte dos debates, das pesquisas, contando com toda a participação de estudantes, professores, produtores e instituições, tanto estaduais, como federais e municipais.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5685-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. David Gomes Leal

Biodiesel.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Concedo a palavra ao gerente de Suprimento da Petrobras Biocombustível, Dr. David Gomes Leal.

O Sr. DAVID GOMES LEAL:- Bom dia a todos e a todas.

Gostaria de saudar a Mesa na pessoa da proponente da sessão, deputada Neusa Cadore, saudar também meu companheiro Miguel Rosseto, próximo palestrante, e o público em geral, todos e todas presentes a esta sessão de importância muito grande para o nosso programa aqui, na Bahia, quiçá para o Brasil.

Eu gostaria de iniciar a minha fala citando uma frase proferida pelo companheiro Lula na inauguração da nossa planta, nossa usina no dia 29 de julho deste ano. Ele disse o seguinte, falando para todos nós, petroleiros: que colocássemos a nossa alma, o nosso coração nesse programa porque ele não era somente para encher o tanque dos caminhões, mas era um programa também, e sobretudo, para encher a barriga dos nossos companheiros agricultores familiares que estão no campo.

É essa frase que tem ecoado para nós, que tem enchido nosso peito, enchido de alma esse projeto e que tem norteado a ação da equipe da Bahia que está toda presente aqui: Márcio, Paulo, Elias, o companheiro Alan, Jaqueline, Marcelle, Luiz Henrique, que está chegando, novinho, o companheiro Nilton, que são as pessoas, juntamente com George, lá na planta, que fazem esse programa aqui, na Bahia.

Mas gostaria de dizer também que quando falamos de alma, de coração, temos que falar de pessoas, não só das idéias, mas das pessoas que nos acompanham. E nos tem ajudado bastante a relação muito fraterna que temos com os companheiros do MST, do MLT, da Fetag, da Fetraf, os companheiros do Banco do Nordeste, do Banco do Brasil, do governo do Estado, da Superintendência da Agricultura Familiar, e, agora, os companheiros da CAR, também lá



chegando, presente a Unicafes, os companheiros das cooperativas, Cesses, representada por Tenório.

Eu gosto de salientar isso em todo lugar que chego porque quando falamos de programas, de projetos parece que não existem pessoas, que os projetos acontecem no automático. Mas se precisa de pessoas com coração e com alma para que eles aconteçam. Pessoas que chegam, como o companheiro Rosseto, para conduzir esse processo, esse barco de forma tão valorosa, como tem sido; o companheiro Jânio, que está aqui, que tem dado alma e colocado pouco em público. Às vezes ele nos liga à noite para falarmos de trabalho, para tocarmos essa responsabilidade que nos está colocada.

Por quê? Porque o fato de incluir entidades importantes como essa não coloca para nós simplesmente fazer as ações públicas de discursos e de fala, mas de muito trabalho e suor e, às vezes lágrimas, por causa das dificuldades que enfrentamos, mas que, graças a Deus, dá para contar algumas vitórias importantes.

São 33 mil agricultores familiares cadastrados, contando-se Bahia e Sergipe; são 110 toneladas de mamona já distribuídas, sementes de qualidade. Nunca o agricultor familiar teve acesso a sementes de tão boa qualidade. Isso era sempre coisa para o agronegócio, para os grandes produtores, mas não era coisa para a agricultura familiar.

Os resultados começam a aparecer, foi cerca de 40% – Dr. Wagner pode ajudar-me nisso – que a produção aumentou na Bahia, de um ano para outro. Foi de 35%, sendo mais preciso, o aumento da produção só da mamona, por conta dessa ação que não foi só da Petrobras, mas também do governo do Estado - temos de salientar isso - dentro do Programa Semeando, que proporcionou aos agricultores essa melhoria.

Podemos dizer também que contamos como vitória a inserção de uma cultura que até o ano passado poderia ser considerada exótica e já começa a aparecer nos índices: a do girassol, que pode por sua integração trazer ganhos efetivos para os agricultores familiares porque pode ser utilizado para a produção do mel, para a utilização do caule na alimentação animal. São novos benefícios.



Faço sempre comparações quando palestro, se o Bolsa Família trouxe uma mobilização para os pequenos municípios e renda, que a gente pode medir, inclusive nas pequenas quitandas que deixaram de ter apenas a pintura com o cal, pois hoje são forradas com azulejo. Vamos poder medir se fizemos uma conta muito simples: a cultura do girassol traz, por cada ciclo, em torno de 400 reais de renda para o agricultor familiar, se estiver tudo certinho. Se mil agricultores de uma pequena cidade tiverem essa renda, são 400 mil reais que entram na economia local, na economia do município, o que pode trazer um benefício muito grande.

Temos dificuldades? Sim. Já foram citadas algumas como o baixo nível de organização, o baixo nível de espírito corporativista, mas temos também percebido nos municípios em que andamos – e são só 243 aqui na Bahia e mais 49 lá em Sergipe – que há uma disposição muito grande dos agricultores em participar desse programa, a despeito das desconfianças pelas experiências que tiveram no passado em relação às promessas feitas.

Porém se renovam as esperanças. A Petrobras tem cumprido com aquilo que promete, e isso renova as esperanças. Tenho certeza que a partir de 2009, agora na safra 2009/2010, safra de inverno 2009 e de verão 2009/2010, nós vamos alcançar a meta que almejamos, não é, Jane? Cem por cento da planta sendo abastecida com agricultura familiar.

Tenho dito uma frase para a nossa equipe e repetido sempre nos *e-mails* que passo aos companheiros que trabalham com parceria. Gostaria de finalizar com ela: Se depende de nós, então vamos! (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



5686-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. José Paulo Crisóstomo

Biodiesel.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Muito obrigada ao Dr. Davi.

Com a palavra o presidente nacional da Unicafe, Sr. José Paulo Crisóstomo.

O Sr. JOSÉ PAULO CRISÓSTOMO:- Bom-dia a todos e a todas. Quero saudar o companheiro diretor da Petrobras Miguel Rossetto, ao qual nós da Unicafe devemos muito. Quando ele foi ministro do Desenvolvimento Agrário, contribuiu dando todo o apoio, com toda a sua força e energia, para que a Unicafe se concretizasse hoje uma realidade nacional e internacional. Devemos muito ao senhor.

Quero saudar também a deputada Neusa pela sua iniciativa brilhante, e em nome dela saúdo todas as mulheres aqui presentes. Saúdo a todos!

Este debate é muito importante porque permite duas ações muito interessantes na vida das pessoas, combinando a geração de renda com a produção de alimentos. Há uma discussão muito forte sobre isso. A deputada Fátima Nunes até sinalizou. Precisamos aprofundar esta discussão dentro da sociedade porque realmente se ela for levada à frente apenas com a preocupação da produção do biodiesel, sem levar em consideração a produção de alimentos para a vida das pessoas, com certeza trará grandes prejuízos.

Basta ver o que está acontecendo hoje na nossa Bahia e também em outras regiões do País. As empresas internacionais que estão entrando no Brasil vêm comprando grandes extensões de terra para a produção do biodiesel. Com isso, onde fica a soberania nacional?!

Então a Unicafe tem questionado e colocado em alguns debates que o governo federal precisa ter uma preocupação, porque em outros países do mundo não aconteceria isso que acontece no Brasil. Então, precisamos deste momento apenas para fazer uma reflexão para pensarmos que o Brasil não perderá a sua soberania com relação a isso.



O outro aspecto importante é que das 100 milhões de toneladas da produção de mamona, 83% estão aqui na Bahia. Este é um aspecto muito importante, porque a mamona permite o consórcio. Nos primeiros debates que tivemos aqui na Bahia, as empresas que puxavam esse debate e as pessoas que estavam fazendo parte daquele debate naquele momento apenas colocavam como fator principal a produção pura e simples de mamona sem levar em consideração a produção de alimentos. Aí houve uma rejeição muito grande por parte de várias entidades, das organizações, inclusive criou-se um preconceito forte. Precisamos fazer uma discussão aprofundada, inclusive com parceiros nossos que questionam muito quando se fala em biodiesel. É importante termos um trabalho nesse sentido. Se levarmos em consideração que com apenas uma alteração de 1% no óleo diesel, com a substituição do biodiesel, geramos 45 mil empregos, este é um papel importante na geração de emprego. Não podemos perder de vista essa importância.

Sentimos, a impressão que temos com relação à agricultura familiar na Bahia é a de que ela ainda não chegou de vez. Ainda não chegou por conta desses aspectos que levantei. Ainda há muita preocupação por parte dos agricultores e agricultoras do que aconteceu no passado. Há um histórico negativo muito ruim. Ao longo dos anos, algumas empresas fizeram parceria com alguns bancos – Banco do Nordeste, principalmente, em alguns casos o Banco do Brasil – para o financiamento do plantio de mamona, quando naquela época estávamos com o preço da mamona em R\$ 1,90. Quando eram vencidas as parcelas, eles tinham que entregar a sua mamona na faixa de R\$ 0,35. Então, isso causou um desestímulo, uma falta de credibilidade com relação a isso que hoje não dá para avançar. A Unicafs não entrou por conta dessa questão.

Temos que discutir claramente como vai ficar a garantia do preço para os agricultores, como vamos fazer com relação ao crédito no momento certo, na hora certa, com o acompanhamento técnico. Posso dizer que a criação da Petrobras/biodiesel, a presença do ministro Rosseto como diretor da Petrobras nos animou bastante. Ficamos desde o primeiro momento na inauguração da fábrica em Candeias. A Unicafs entende que temos como avançar



se superarmos a desarticulação dos agricultores, que é muito grande, se superarmos a questão da assistência técnica, que tem que chegar no momento certo, se conseguirmos articular as ações da Petrobras com as entidades vinculadas. Assim, vamos superar isso com certeza. Acreditamos que é possível, e a Bahia tem um papel importante nesse sentido.

Ontem, em Brasília, estávamos discutindo, Miguel Rosseto, a política nacional da agricultura familiar. Penso que é o momento propício. Vamos inserir este assunto dentro desse debate da política nacional de desenvolvimento da agricultura familiar. Com certeza vamos chegar lá.

Para concluir, a Unicafs se propõe a participar e contribuir dentro dessa compreensão da produção de energia limpa, mas ao mesmo tempo gerar renda e garantir a produção de alimento para o nosso povo. Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5687-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. Daniele Cezano

Biodiesel.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Obrigada, senhor Paulo. Registro e agradeço as presenças de Wilson César, que representa aqui o mandato do deputado federal Bassuma, do doutor Jânio Luiz da Rosa, que é um dos representantes da Petrobras Biocombustíveis, de Vânia Gomes, que representa o mandato do deputado federal Nelson Pellegrino; de José Wellington Mendes, da Superintendência de Economia Solidária da Setre; de Ana Cláudia Gomes, da Superintendência de Agricultura Familiar; de Guiomar Florence, que representa a Associação de Mulheres de Nova Itarana; e de Djalma, presidente do PT de Gandu.

Na seqüência, convidamos a fazer uso da palavra o Sr. Daniele Cezano, engenheiro ambiental e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Enquanto o Sr. Daniele chega ao equipamento, queria registrar a presença de Pedro Costa e Silva, diretor do Sindicato do Ramo Químico e Petrolero; de Tatiana Bichara, do Ministério do Meio Ambiente; de Luiz Orleans, do Conselho Estadual de Produtos Orgânicos da Bahia; e de Marco Antônio, da Coordenação de Articulação Institucional da Seplan.

O Sr. DANIELE CEZANO:- Queria cumprimentar a Mesa e os participantes desta reunião e agradecer à deputada Neusa Cadore o convite.

O principal problema na produção do biodiesel, hoje, não é a parte da engenharia, porque esta está resolvida, mas a disponibilidade da matéria-prima.

Quais são os principais fatores que garantem a disponibilidade dessa matéria prima? São três: ambientais, socioeconômicos e técnicos. Os ambientais são chuva, solo e temperatura. Se você tem um bom solo, chuva adequada e temperatura adequada, há mais facilidade de produzir. Os fatores socioeconômicos são disponibilidade de o agricultor produzir aquele tipo de matéria-prima, nível de organização comunitária, acesso ao crédito e



ao mercado; renda potencial representada pela matéria-prima. Os fatores técnicos são conhecimento do sistema produtivo, capacitação e assistência técnica.

Se tem acesso a esses 11 fatores – podem existir mais dois ou três, mas esses são os principais – o agricultor pode produzir a matéria-prima para a produção do biodiesel. Se não há esses fatores, temos que criá-los. Então é essa a perspectiva que queria dar, pois em algumas regiões do Brasil temos alguns desses fatores, mas em outras temos que criá-los.

Como o Brasil já foi um grande produtor de mamona, queria pôr esses 11 fatores na perspectiva da mamona, que foi cultivo muito apoiado pelo Programa do Biodiesel.

Fatores ambientais em relação à mamona: chuva, sol e temperatura.

A mamona foi apresentada sempre como um cultivo que não precisa muito disso, mas, na realidade, isso não é verdade, pois para produzir ela precisa de adubação, fertilizante. Ela pode dar, pode produzir, mas não em grandes quantidades, se não temos esses três fatores. Então acho um limite na parte do cultivo da mamona.

Disponibilidade do agricultor.

Todos os pequenos produtores conheciam a mamona, então havia grande disponibilidade de o agricultor trabalhar com ela.

Acesso ao crédito.

Hoje, temos o Pronaf. O problema é que o acesso ao crédito foi uma causa da queda da produção no passado. Nos anos 80, 90 não foi muito disponibilizada essa parte do crédito ao pequeno produtor.

Mas queria falar ainda sobre dois pontos principais, que acho importantes: primeiro, o nível de organização comunitária que uma produção como a da mamona precisa. Começamos aí na parte da produção dos pequenos agricultores, que têm que se organizar e capacitar-se e ter assistência técnica. Isso significa secagem, armazenagem, transporte da mamona. Vem a parte do esmagamento, na qual se tem que ter toda uma organização comunitária para chegar àquele nível.



A parte do biodiesel, hoje, como já disse, não é um problema da engenharia, porque essa parte já foi resolvida. O problema principal está aí embaixo: da produção da oleaginosa ao esmagamento.

Agora, pegamos, por exemplo, as cooperativa de leite, elas são muito bem sucedidas. Então, talvez, haja algo que podemos aprender dessa experiência do leite que pode ser montada, mais ou menos, do mesmo jeito.

Agora, outro problema é a renda. Em março de 2008, o óleo de mamona custava o dobro do óleo de soja, ou seja, custava R\$ 4.200,00 por pré-lata ou R\$ 4,20 por litro. O custo do diesel na bomba era de, no máximo, R\$ 2,00 por litro. Então, isso significa que existem outras oleoginosas que são mais viáveis que a mamona para a produção de biodiesel. O agricultor preferiria vender o óleo de mamona, a semente de mamona para outras organizações que, talvez, façam outro tipo de utilização do óleo de mamona e não do biodiesel, porque ele terá um lucro maior. Há, também, este fator técnico e conhecimento do que deva ser produtivo hoje e sabe-se muito bem como produzir mamona.

Há esta parte da capacitação e assistência técnica. Então, se pode capacitar e se pode ter assistência técnica, o maior volume de produção, por exemplo, da mamona no Brasil inteiro tinha de aumentar de quase 10 vezes para atingir a meta da produção de biodiesel. Isso são muitos hectares de terras que deveriam ser produzidos com mamona. Isso limitou bastante – acho – esta política. Mas, na parte da soja, eu tenho um excedente de óleo de soja no Brasil. É muito fácil usá-la na produção de biodiesel. Por isso, hoje, 80% do biodiesel usa óleo de soja.

Agora, a Bahia tem 3 tipos diferentes para o cultivo: o litoral, o cerrado e semicerrado. Dentro do semicerrado, temos o sertão. Cada ambiente tem uma estrutura, uma temperatura, um clima e um solo diferente. Então, temos de entender quais as culturas que podem ser adaptadas a esses três ou quatro tipos diferentes de biomas. E o Brasil já tem muitas experiências na parte de produção de oleoginosas em ambientes diferentes. Então, eu queria só



apresentar, previamente, algumas experiências de (inaudível) que eu pesquisei para a gente (inaudível).

Foi em Quixadá, durante uma semana que um projeto da Petrobras junto com o Banco do Nordeste, para estudar toda a cadeia de produção a partir do agricultor até à planta. E o governo deverá introduzir uma política que – acho – interessante. Pagou um preço mínimo ao produtor. Deu incentivo de produção de R\$ 150,00 por hectare, por produtor. Distribuiu semente gratuita para eles. Tinha *Ematers* que fez toda a assistência técnica, pagamento de 50% do (inaudível).

Temos calculados aqui os subsídios diretos desta política do Ceará foi de R\$ 8 milhões por ano. Subsídios diretos e indiretos ficaram na faixa de R\$ 15 a 20 milhões por ano. Isso significa R\$ 100 a 200 por agricultor. Isso é bastante. É um volume de dinheiro bastante alto, sobretudo, porque a produção foi bastante abaixo da expectativa. Você, agora, falou que foi entregue a primeira 1.000 toneladas de mamona na planta de Quixadá depois de 2 anos desses subsídios. Então, temos de nos perguntar se tem um jeito diferente de organizar esse tipo de produção.

Outro experimento que deu (inaudível)... Eu acho que tem algumas experiências que estão dando certo. A energia pneumática, por ser viável no cerqueiro, se é produzida com fertilizante, adubação e controle de praga. Isso é importantíssimo. A energia pneumática é uma cultura que precisa ter este tipo de coisa dar certo. Temos ainda de esperar, porque é, ainda, um cultivo novo.

Tem um projeto que foi apoiado pela deputada Neusa Cadore no município de Pintadas no qual estamos trabalhando: é a produção integrada de oleoginosas alimento e desenvolvimento de metodologia de capacitação para produzir alimento e oleoginosas. Estamos usando os açudes para cultivo de gado de produção de alimentos e de oleoginosas. Esse, também, é um projeto que irá demorar um ano para entender a aplicação.

E existe também essa parte de usina de etanol que está pegando no Sul do País, no Rio Grande do Sul e que também poderia ser interessante, porque se pode produzir etanol da



cana-de-açúcar, da mandioca, da batata doce, de sorgo. E produzir etanol hidratado em pequena cooperativa. Essa é outra experiência que está acontecendo no Rio Grande do Sul. Um produtor pode ganhar de 1400 a 2000 reais por hectare na venda direta do álcool através de microdestilarias.

Então, queria só terminar com algumas sugestões. Acho que o programa de biodiesel apresenta um grande potencial para o agricultor rural, foi uma idéia excelente, só que é preciso desenvolver um programa de suporte ao pequeno produtor. E o que isso significa? A sugestão acadêmica é que tem que ser muito concreta, tem que fazer parceria entre academia, o setor privado e o agente público para analisar as experiências bem sucedidas para entender os fatores chave de sucesso. Quem produz mamona, por quê produz mamona e entender o que nos vai dar sucesso na parte de produção.

A segunda coisa, testar cultivo em diferentes lugares a partir dessa análise da experiência, para tentar fechar a cadeia produtiva e analisar os resultados para desenvolver um programa piloto bem articulado para ver se em parceria com a Petrobras e a ligação com o setor privado é essencial.

Muito obrigado.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5688-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. Miguel Rosseto

Biodiesel.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Nós agradecemos a participação de Daniele e agora, com muita satisfação, nós anunciamos que quem vai fazer uso da palavra é o nosso companheiro, ex-ministro e que deu uma contribuição histórica para a agricultura familiar, para o desenvolvimento agrário no governo do presidente Lula e que hoje está à frente de um grande desafio, que é a Diretoria de Suprimento e Desenvolvimento Agrário da Petrobras Biocombustível. Com a palavra, Miguel Rosseto.

O Sr. MIGUEL ROSSETO:- Bom-dia a todos vocês. Foi uma saudação muito carinhosa da companheira, deputada Neusa Cadore, nos cumprimentando por essa iniciativa que traduz o seu compromisso com o programa e, acima de tudo, com o povo da Bahia. Parabéns. Quero saudar a companheira deputada Fátima Nunes, o deputado Bira Coroa, que estão aqui conosco e estender essa saudação a toda a assessoria e a todos os parlamentares que conviveram conosco nesta manhã, parte desta audiência pública.

Quero saudar Zé Paulo e estender essa saudação a todos os companheiros e lideranças do cooperativismo da Bahia, lideranças sindicais, das associações, agricultores e agricultoras que estão conosco nesta manhã de trabalho, saudar todos os companheiros e companheiras das diversas representações do governo federal e do governo estadual que estão aqui conosco, e, desde já, publicizar o meu enorme respeito e admiração por esta liderança política maior da Bahia e do Brasil, o companheiro e amigo Jaques Wagner. É um orgulho, tenho certeza, para o povo baiano e brasileiro ter um companheiro dessa envergadura liderando uma grande agenda de mudanças populares no Estado da Bahia.

Quero também saudar os meus companheiros da Petrobras e registrar também a intensa e grande satisfação de compartilhar esse projeto de implantação da Petrobras Biocombustível com um outro baiano maior, que é o presidente Sérgio Gabrielli, que tem dado



uma contribuição extraordinária para o País a partir da sua presidência e liderança da Petrobras. O presidente Sérgio Gabrielli participa ativamente do Conselho de Administração da Petrobras Biocombustível e, em particular, tem acompanhado todo o desempenho do nosso programa aqui na Bahia.

Quero saudar os meus companheiros da Petrobras Biocombustível, o companheiro Jânio, gerente de produção agrícola da Petrobras Biocombustíveis, companheiros da Vila Real e de toda a nossa equipe aqui da Bahia, que têm feito um esforço extraordinário para que possamos, no prazo mais rápido possível, responder aos objetivos da nossa empresa, e também os companheiros de Sergipe, que estão aqui conosco.

Quero rapidamente trabalhar com algumas idéias que orientam a ação da Petrobras Biocombustíveis e trabalhar com algumas idéias que penso que de uma forma privilegiada a Bahia tem como responder antes do que outras regiões do Brasil em relação ao projeto dos biocombustíveis.

Então, vai como uma grande colaboração cidadã aqui pelo profundo compromisso e carinho por todo esse povo.

A agenda de biocombustíveis e de biocombustíveis renováveis, ou de energia renovável, é uma agenda que veio para ficar. Podemos ter oscilações de conjuntura, como temos e vivemos um período de oscilações de conjuntura em escala nacional, mas é muito importante que tenhamos confiança nesta agenda, a agenda planetária. A humanidade busca e buscará com mais intensidade a oferta de energia renovável. É uma agenda que definitivamente veio para ficar.

Temos uma agenda de tempo e temos várias opiniões, quantas décadas, períodos históricos, a matriz. Uma das matrizes energéticas fundamentais que ao longo do último século abasteceu parte da humanidade com energia, ela se esgota: petróleo, gás e energia fóssil. Esta matriz energética que alimentou parte da humanidade e que moveu basicamente a economia mundial entra num processo de esgotamento. A humanidade busca alternativas e energia renovável a partir desse esgotamento seja dentro do ponto de vista de buscar energia que



sustente um padrão de consumo existente, seja a partir de outra agenda que definitivamente entrou na agenda planetária, que é a agenda ambiental, especialmente à urgente necessidade de estancarmos um padrão de emissão de gases que estimule e que produza o chamado efeito-estufa, que cria uma insustentabilidade para a existência dos padrões da humanidade que conhecemos.

Portanto, entramos no século XXI com duas agendas que se cruzam. São agendas que vieram para ficar e que todos nós, de alguma forma, temos alguma responsabilidade de resolvermos.

A agenda de oferta de uma matriz energética distinta da matriz petróleo-gás e ao mesmo tempo uma matriz energética ambientalmente mais limpa. Portanto, responda aos temas que o conhecido Protocolo de Kioto traz para todos nós.

Nesta agenda, um dos componentes dessa grande agenda estratégica obviamente é uma escolha de uma matriz energética de consumo, em que todos nós, o governo, as entidades, a sociedade fazem e farão as suas escolhas de padrão de consumo energético.

Dentro desta agenda, que busca alterar um padrão de consumo energético e que busca oferecer um padrão de oferta de energias renováveis e limpas, se encontra uma nova matriz de combustíveis, os biocombustíveis.

Temos várias energias renováveis que estão sendo pesquisadas: eólica, solar e tantas outras. Uma das matrizes na área de combustíveis são os biocombustíveis que nós transformamos.

Quando falamos em biocombustíveis, dentro dos padrões tecnológicos conhecidos, não estamos falando em combustíveis que sejam capazes pela escala exigida e pelo padrão de consumo desses combustíveis e petróleo em escala mundial capaz de substituir integralmente a matriz de combustíveis. Isso é muito importante na nossa opinião e que fique claro que estamos convivendo com uma transição, construindo alternativas complementares a uma matriz de consumo energético ainda baseada no petróleo.



Estamos migrando para um processo de transição energética, no qual a agenda de biocombustíveis já se implanta e vai crescer no próximo período. Paro por aqui esta introdução. Ou seja, que todos tenhamos confiança de que essa agenda de que seremos estimulados a ampliar o padrão de oferta de biocombustíveis chegou, ficou e cresce no Brasil, na América e em escala planetária. Todos os continentes irão, de alguma forma, responder à imperiosa exigência de redução emissão de CO², especialmente metano e outros gases produtores de efeito estufa. Países da Europa, da Ásia, da América— e estados dentro desses países, como a Califórnia e a Flórida —, enfim, de todas as regiões buscam mandatos obrigatórios de presença de percentuais mínimos na mistura com os seus combustíveis fósseis de gasolina ou de diesel.

Portanto, em nível mundial nós teremos um crescimento da demanda da oferta de biocombustíveis. No Brasil, temos uma legislação clara que nos obrigou a ofertar, a partir de janeiro de 2008, diesel com base numa mistura de 2% obrigatório; e a partir de julho deste ano, com 3%. Ou seja, em todo o diesel vendido neste País já é obrigatória uma mistura de 3% de biodiesel. E a legislação atual cria um mercado futuro, já determinado, para que a partir de janeiro de 2012 a obrigatoriedade passe a ser de 5% de biodiesel na mistura com diesel.

Estamos vivendo uma experiência muito recente. Não completamos 1 ano de experiência de mandato obrigatório dessa mistura. E ao mesmo tempo que temos assegurado um mercado futuro que vai exigir a ampliação da produção de biodiesel no Brasil para atender essa demanda de 5% da produção nacional.

Quando pensamos em volumes de produção, sempre é importante essa referência de 40, 45 bilhões de litros/ano; este é o consumo de diesel no Brasil. Quando falamos em B5, estamos falando de um volume aproximado de 2,3 bilhões de litros de biodiesel. Hoje, nós estamos produzindo no Brasil um volume equivalente a 1,2 bilhão de litros/ano de biodiesel para atender o mercado obrigatório de 3% de mistura do biodiesel no diesel.

Essas marcas regulatórias são importantes, porque elas nos dizem duas coisas. Acho muito importante que os formuladores, os gestores públicos, as lideranças que atuam nessa



atividade produtiva tenham essas duas dimensões. A primeira é a de uma dimensão estratégica de um programa brasileiro de biocombustível.

O Brasil tem uma grande experiência numa parcela da produção de biocombustível, que é a do etanol. Temos mais de 35 anos de experiência na produção do etanol. Temos altíssima tecnologia agrícola, altíssimos padrões de produtividade agrícola e altíssimos padrões tecnológicos dos processos de extração de etanol dessa produção primária. Somos liderança mundial na tecnologia de produção de etanol. Neste momento, o governo federal trabalha no disciplinamento das áreas de expansão, especialmente da cana-de-açúcar.

Essa é uma agenda importante que toda a sociedade brasileira está participando ou vai participar, que é exatamente a disciplina, o regramento da expansão da produção de cana-de-açúcar no Brasil para alimentar a expansão do programa do etanol e, portanto, como pensar - como foi muito bem dito aqui por vários companheiros e companheiras que falaram - um programa que na sua essência é um programa para o Brasil que responde a estímulos e exigências ambientais e sociais sem destruir o meio ambiente. O Brasil pode, e esta é a nossa agenda, não cair nessa contradição fundamental. Nós não podemos desenvolver um programa que tem como um dos seus vetores fundamentais uma resposta à exigência de qualidade ambiental destruindo o meio ambiente.

Portanto, estamos disciplinando áreas de intervenção, formas de produção, de tal forma que o conceito de ecoeficiência de um programa energético como esse seja visto, compreendido e operado em toda a sua etapa produtiva. Portanto pensar um ciclo de vida positivo dentro do ponto de vista ambiental em todos os programas de bioenergia é uma tarefa de todos nós, da Academia, dos produtores, dos pesquisadores e dos órgãos ambientais. Comprovar e provar que os sistemas de produção de biocombustíveis são superiores e positivos dentro do ponto de vista ambiental. E orientar a atividade econômica, orientar a atividade produtiva a partir de padrões que garantam esse elemento positivo do ponto de vista ambiental da produção primária à distribuição para o consumo da sociedade, tanto de etanol como de biodiesel.



Acho que essa é uma referência importante, nós devemos, sim, pensar, e a Petrobras Biocombustível tem isso na sua missão estratégica que é pensar a atividade de biocombustíveis a partir de um marco de sustentabilidade ambiental integral. Essa é uma referência que todos nós estamos convidados a responder.

O segundo elemento, além de um programa obviamente energético, é um elemento que diferencia o programa brasileiro de outros programas em escala mundial de biocombustível. O Brasil, especialmente a partir da liderança e da orientação do presidente Lula, adotou um programa de biodiesel em que incorporou uma terceira exigência, além da exigência de sustentabilidade econômica, sustentabilidade e soberania energética na medida em que o Brasil ainda importa diesel. É óbvio que faz parte de uma visão estratégica interromper a importação de diesel e substituir na matriz de combustível a produção nacional, seja produção de diesel interno ou através de biodiesel, mas ele incorporou um terceiro elemento que é particular e que de alguma forma orientou todas as falas e este seminário, que é para o programa de biodiesel brasileiro. Na minha opinião, como cidadão, devemos tencionar positivamente para a produção de etanol. Para o programa de biodiesel há uma exigência que é a inclusão social pelo trabalho rural.

O programa de biodiesel foi pensado desde o início como um programa de inclusão social, um grande instrumento de desenvolvimento rural, um grande instrumento gerador de um novo mercado agrícola. E na medida em que ele é um programa gerador de novo mercado agrícola, a idéia é que grande parte da renda gerada por esse mercado agrícola seja apropriada pelos pequenos produtores ou pelos agricultores familiares. Esse é um conceito que está desde o início do programa. Ele aparece no programa a partir de estímulos e exigências, que são as regras nacionais do programa de biocombustíveis.

Vou fazer uma referência rápida aqui, porque entendo que estamos vivendo um momento de transição, e porque estamos vivendo um momento de transição do programa e porque novas regras estão sendo construídas, acho muito importante que a partir da liderança, deputada e companheira Neusa, de todos vocês, este debate seja enriquecido nacionalmente a



partir das experiências estaduais. Portanto, vou fazer uma referência rápida sobre as regras públicas, as regras nacionais que procuram assegurar nesse programa essa natureza.

O programa construiu certificação social. A certificação social do programa é uma exigência, uma norma federal para que as empresas possam ter acesso ao mercado do biodiesel. A certificação social é chamada de Selo Combustível Social. Esse selo do combustível social ou Selo do Biodiesel é uma certificação assegurada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário que exige alguns critérios para que uma empresa produtora de biodiesel adquira esse passaporte ou seja selada. Ela tem que ter o mínimo de volume de compra, de aquisição de matéria-prima por região para a produção do biodiesel. Na região Nordeste, o mínimo exigido em volume de aquisições para assegurar o selo é de 50% da matéria-prima, ou seja, para uma empresa produtora de biodiesel da Bahia se enquadrar e conquistar o Selo Combustível Social ela deve comprovar periodicamente que adquire pelo menos 50% da sua matéria-prima da agricultura familiar. Essa é uma exigência regional. Na região Sul e Sudeste o percentual é 30%, e na região Norte 10%.

Por que que isso é importante? Porque há um processo de avaliação neste momento, dessa exigência mínima para o enquadramento. Se essa exigência é alta, é baixa, é suficiente, ela estimula novos investimentos ou não. É só uma referência que todos os companheiros, na minha há opinião, devem avaliar, porque, neste momento, nós estamos, o governo federal está construindo uma atualização dessa regra. A partir desse enquadramento, as empresas adquirem uma possibilidade de ter benefício fiscal federal. As empresas seladas com o selo de Combustível Social vão ter uma redução na contribuição de PIS e Cofins correspondente ao volume de aquisição da matéria-prima, ou seja, o governo federal, através da renúncia de tributos federais, financia, esta é a idéia central – financia o investimento a postos de trabalho junto à agricultura familiar. Tanto mais uma empresa adquire matéria-prima da agricultura familiar maior será o desconto, o recolhimento para a empresa do PIS/Cofins, que é um recurso importante. De tal forma que, na região Nordeste, se uma empresa trabalhar só com matéria-prima da agricultura familiar ela terá 100% de isenção de PIS e Cofins. Portanto, aqui



se buscou no programa um equilíbrio financeiro de estímulo econômico à produção com base na agricultura familiar regional. É uma equação-chave para a sustentabilidade dos investimentos econômicos na região, na nossa opinião. Essa equação está sendo revista. Essa equação básica está sendo revista e atualizada no sentido de qualificar ainda mais – esse é o informe que recebo do governo federal – como melhorar o sistema de apoio para aumentar os investimentos e aumentar o envolvimento da agricultura familiar no programa do biodiesel, especialmente na região Nordeste.

Então, aqui eu faço este registro. Há uma agenda ainda em andamento e seria muito importante que as lideranças que construíram experiência, que as lideranças políticas, que as lideranças cooperativas, que as lideranças sindicais, participem ativamente de um processo de reorganização das políticas públicas. O programa exigiu uma assistência técnica com qualidade. O programa exige – nisto ele é inovador e desafiador para nós – uma fixação de política de preço mínimo, de fixação de uma política de reajuste do preço ao agricultor, que o contrato firmado com o agricultor seja acompanhado por uma entidade sindical municipal e estadual, portanto crie uma ambiente de acompanhamento e de transparência nas relações econômicas entre as empresas produtoras e o produtor-agricultor, inovando as relações de produção agrícola no Brasil. Tudo isso voltado como instrumento objetivo para assegurar um caráter de inclusão social nesse programa.

O programa roda há 2 anos, efetivamente, e em algumas regiões, há 3 anos. Iniciamos a experiência aqui, na Bahia. A Petrobras Biocombustível, em 2007, começou a desenvolver uma experiência na relação com produtores aqui, na Bahia. Estamos, neste momento, mudando, qualificando a nossa presença na Bahia de tal forma que, a partir da experiência que construímos com as cooperativas, especialmente na Bahia, possamos melhorar essa relação, estimulando cada vez mais a ampliação da produção e da produtividade dos agricultores que se vinculam ao nosso programa, da Petrobras Biocombustível.

Vou fazer umas referências rápidas do que estamos fazendo aqui, na Bahia. Como informação, a Petrobras Biocombustível iniciou as suas operações em julho deste ano. Temos



uma fábrica para 50 mil toneladas/ano em Candeias, e uma segunda fábrica para 50 mil toneladas/ano de biodiesel em Quixadá, no Ceará. E vamos operar, iniciar a produção de uma terceira unidade em Montes Claros, Minas Gerais. São 3 fábricas, portanto, que estamos rodando, e isso tem-nos permitido uma experiência muito importante em vários pólos, em várias regiões do País.

Temos uma extraordinária expectativa com a Bahia e com Sergipe. A Bahia é um dos estados em que encontramos maior organização de produção e cooperativas, maior tradição na organização de agricultores, melhores condições por conta da existência de uma cultura produtiva em vários níveis e em várias escalas: da experiência da produção na região de Barreiras, da grande produção de soja, algodão e um pouco de girassol; à experiência do dendê no Sul da Bahia; do amendoim, da mamona no Pólo de Irecê; e o início de uma experiência à qual emprestamos enorme expectativa, que é o girassol, basicamente por conta de tecnologias novas que estão sendo desenvolvidas, lavouras cultivadas com ciclo curto, o que, portanto, minimiza o risco da produção.

A partir dessa característica, podemos pensar uma estratégia de construção de sistema de produção, com o girassol fornecendo óleo, mas também fornecendo proteína vegetal que pode ser traduzida em proteína animal, carne e ração, o que é impeditivo para a mamona e ainda impeditivo para o pinhão manso por conta da toxina que essas duas cultiváveis dispõem.

Portanto, pensar no sistema de produção é a nossa referência estratégica, pensar não apenas a produção da matéria-prima para o biodiesel, mas pensar no sistema de produção agrícola que forneça a matéria-prima para nós, mas que também seja olhado e organizado como um sistema de produção integral, e que todos os produtos e co-produtos remunerem o agricultor é o elemento estratégico para a viabilização desse negócio.

Portanto, o girassol pensado como matéria-prima, como óleo para biocombustível eventualmente, matéria-prima para produzir torta, ração, carne e para produzir um conjunto de



outros produtos que compõem uma grande cesta de renda para o agricultor e para reserva dessa região.

Nós estamos comprometidos, como empresa, a estimular a pesquisa dessas cultiváveis. Estamos fomentando a mamona, achamos que é fundamental ampliar o conhecimento sobre a mamona.

Gente, vou acelerar, deputado, mas, no Brasil, acho que devemos olhar com grande expectativa e otimismo esse programa. Otimismo com um pé e meio na realidade, obviamente, mas um grande otimismo pelo futuro, porque o Brasil, verdadeiramente, investiu muito nos últimos 40 anos, e com muito sucesso, por aquilo que ele se colocou como objetivo, em duas grandes lavouras: a soja e a cana-de-açúcar.

Esses dois produtos receberam enormes investimentos ao longo dos últimos 40 anos, e o Brasil se tornou campeão de produtividade nessas duas lavouras. A nossa produtividade da soja é maior que a norte-americana. Nós construímos cadeias alimentares extraordinárias a partir da soja. O óleo é um subproduto da soja, 18% da soja é óleo. E o resto é farelo. A proteína vegetal se transforma em frango. Todo o complexo agroindustrial da carne de frango, dos suínos, do leite, em grande parte tem como base esse sistema de produção.

Temos instituições extraordinárias para fazer a pesquisa. A Bahia dispõe delas. Temos capacidade, estamos construindo redes de produção e pesquisa enormes. Portanto, é pensar em cultivares que ampliem a produtividade da mamona e façam uma adequação genética dessa oleaginosa nos diversos biomas que temos. É necessário pensar em investimentos em produtos que tenham mais rusticidade e sejam de ciclo curto, como o girassol. A canola, que hoje estamos pesquisando. E enfrentar os limites que o pinhão manso tem do ponto de vista da sua enorme diversidade genética. Não dominamos essa cultura, mas temos grande capacidade de produção de melhoria na qualidade genética desse cultivar.

No aumento da produtividade e na adaptação dessas culturas às nossas regiões iremos reorganizando essas produções. Mesmo o algodão não será liberado por nós, numa eventual retomada do plantio. A nossa indústria se associa a equações financeiras que serão



puxadas pela pluma mas se associam a equações econômicas para a aquisição do óleo de algodão a partir de arranjos que vêm ser estimulados por outras empresas e outras lideranças. Acho que aqui reside um esforço de todos nós, o que nesta sessão escutei reforça esse ambiente. Temos uma grande rota de pesquisa a ser construída e com resultados positivos a médio prazo.

O dendê também na Bahia é uma experiência enorme de produção a que temos de dar potência. Tudo isso faz parte e exige esse arranjo que apareceu aqui. Por isso, os governos são tão importantes. As nossas empresas têm limites de investimentos, mas se dispõem a compartilhá-los com as estruturas públicas em todas essas áreas de pesquisa aumentando a produtividade, a renda e adequando esses cultivos às diversas regiões que temos.

Estamos na Bahia para ficar. A Petrobras com o biocombustível construiu uma unidade importante. A nossa primeira unidade de biodiesel foi construída em Candeias, na Bahia, e estamos aqui para ficar. Estamos profundamente comprometidos com um desenvolvimento estratégico de suprimento com base na agricultura familiar. Temos como meta estratégica ultrapassar a exigência de 30, 40 ou 50%. Temos uma referência estratégica para o suprimento da nossa indústria em Candeias que chega a 100%. Temos a responsabilidade de buscar sustentabilidade econômica, competitividade. Temos de ser sustentáveis no custo dessa matéria-prima para a nossa empresa e estamos dispostos a apoiar iniciativas que tragam esse padrão de competitividade e de eficiência econômica para a nossa indústria na Bahia, a partir da agricultura familiar.

Estamos comprometidos portanto com uma estratégia de médio e longo prazo. A nossa experiência nos mostra que temos de enfrentar desafios com uma estratégia clara, com aqueles que trabalham conosco em todos os níveis do governo, especialmente agricultores, cooperativas com compromissos de médio e longo prazo. É um processo de organização e de aprendizado novo que estamos construindo, de responsabilidade clara entre os diversos atores desse sistema de produção.



Alguns temas já estamos implantando e vamos num diálogo direto com os agricultores, as cooperativas e lideranças buscar implantar outros aqui na Bahia. E vou encerrar a minha fala dizendo isto: em Sergipe, que compõe o núcleo geográfico estrategicamente, pensamos como núcleo de suprimento de matéria-prima para a nossa empresa.

Um dos temas que acho que são importantes e públicos faz parte da estratégia da Petrobras Biocombustíveis: pensar, no primeiro semestre de 2009, numa estratégia de suprimento mais estável de óleos vegetais. Nós não temos esmagadoras produtoras de óleo vegetal, nós adquirimos hoje esses óleos do mercado, das grandes empresas, da Bahia inclusive, tanto óleo de soja como de algodão e estamos nos preparando para pensarmos numa estratégia de esmagamento que garanta estabilidade, regularidade, qualidade, segurança estratégica para nossa empresa.

Queremos fazer isso com as cooperativas de agricultores familiares, com os sindicatos, com as lideranças, pensando numa equação estratégica de logística para produção dessa matéria-prima para a nossa empresa. Vamos fazer isso no ano de 2009 e seguramente vocês irão acompanhar esse debate.

Nós estamos qualificando a nossa oferta de sementes, estamos buscando para 2009 melhorar uma definição de preços para aquisição da matéria-prima dos agricultores de tal forma que fique estabelecido com clareza um preço mínimo e um preço máximo, que possa se planejar. Nós queremos relações de longo prazo, nós não acreditamos em relações de curto prazo, nós estamos ofertando contratos de 5 anos com agricultores de cooperativas, obviamente esses contratos sinalizam uma disposição de trabalho conjunto num período maior de uma safra. Obviamente os contratos poderão ser rompidos ou poderá ocorrer o distrato a qualquer momento, mas nós queremos sinalizar nossa disposição de uma relação mais duradoura. Estamos ofertando a cada ano a possibilidade de renovação das condições contratadas, dos preços, mas queremos uma relação de médio e longo prazo com agricultores que irão trabalhar com a Petrobras Biocombustível.



Queremos estimular, e o companheiro da CAR já anunciou isso, queremos estimular melhoria de renda através do aumento da produtividade agrícola. Achamos que é possível através da experiência que vocês têm na Bahia da produção da mamona e do girassol, que estamos começando a partir de investimentos diretos da melhoria do solo, aumentarmos a produtividade. Temos produtividades baixas e temos muitas atividades diferenciadas aqui.

Nós achamos que é possível em curto prazo com os investimentos na correção do solo aumentarmos a produtividade média da Bahia e com isso aumentarmos a renda, estimularmos a adesão de agricultores ao programa. Pretendemos trabalhar com muita força no ano que vem. São R\$ 15 milhões que iremos investir com os agricultores que vão trabalhar conosco na correção do solo. São investimentos diretos que serão sustentados integralmente pela Petrobras para que possamos ter aumento de produtividade, melhoria de renda e estímulo à adesão a esse programa aqui no Estado da Bahia e em Sergipe.

Queremos estimular a organização coletiva dos agricultores, ter cada vez mais um diálogo que responda a uma exigência que nós temos de pelo menos 60 mil hectares produzindo matéria-prima numa produtividade média de mil quilos por hectare de mamona e de girassol. Esse é o planejamento estratégico nosso. Nós queremos construir passo a passo essa experiência com vocês de uma forma sólida a partir dessa compreensão da Petrobras Biocombustível. Estamos na Bahia para ficar e temos um compromisso estratégico com esse território. Temos um compromisso estratégico com este Estado. Temos um compromisso estratégico com esse programa de inclusão social pelo trabalho. Temos que usar toda a nossa capacidade de gestão obviamente para justificar resultados econômicos da nossa empresa. A nossa empresa tem obrigações e tem uma obrigação de responder com eficiência econômica, queremos fazer com que grande parte da experiência, da capacidade de gestão dos nossos quadros sustentem essa estratégia na Bahia de inclusão pela agricultura familiar.

Quero colocar toda a empresa, todos os nossos quadros à disposição para que possamos aprender juntos. Nós iniciamos uma curva de aprendizado. Temos grandes desafios



pela frente, mas saibam que mais entusiasmado do que a empresa. Acho que as diversas falas mostram uma grande integração desse programa.

Tenho certeza de que esse programa é e será um sucesso, que nós estamos discutindo do ponto de vista do Brasil, do ponto de vista da capacidade tecnológica de ofertar biodiesel e etanol para a sociedade brasileira.

O que estamos disputando é mais do que isso. O que nós estamos disputando, parece-me, é a qualidade e a velocidade da oferta dessa produção de biocombustíveis para o Brasil, que é tudo, que é toda a diferença. O que estamos disputando, nos comprometendo publicamente, tenho certeza, é que queremos ofertar e cumprir uma exigência ética dentro do ponto de vista ambiental, de sustentabilidade planetária, mas queremos mais do que isso, queremos melhorar o Planeta, que o Planeta terra continue existindo, e queremos que a humanidade exista com qualidade, queremos que todos homens e mulheres, cidadãos e cidadãs do campo ou da cidade, tenham uma vida digna, com qualidade e justa.

Portanto, preservar é qualificar o meio ambiente e preservar a vida de seres humanos, é uma exigência ética para todos nós. Se termos um programa que vai contribuir para isso – os dois aspectos –, nós teremos no tempo um programa que possa mais rapidamente responder a isso, penso que muito reside na extraordinária capacidade de articulação e de integração de esforços de todas as instituições, especialmente da representação dos agricultores e agricultoras da Bahia.

Conte, companheira deputada, com a Petrobras Biocombustíveis, com toda a nossa equipe para uma estratégia dessa natureza.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

**5689-II****Ses. Esp. 10/12/08****Or. Libanilson Braga de Oliveira**

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Muito obrigada, Dr. Miguel Rossetto, acho que as falas foram, de fato, muito enriquecedoras. É mesmo um momento de aprendizagem, e nesse sentido sabemos que seria importante ouvir as pessoas que apoiaram iniciativas, que estão aqui nesta manhã conosco. Já estamos às 11h35min, não sei da disponibilidade de quem está aqui, mas gostaríamos de franquear, talvez, umas cinco, seis inscrições, se alguma pessoa deseja fazer alguma pergunta, manifestar-se, fazer uma fala de três minutos. O que vocês acham? O tempo permite? Não gostaríamos de encerrar sem essa possibilidade ser considerada.

Então, o primeiro é o Sr. Libanilson, se houver mais alguém que queira se manifestar... Temos uma pessoa na platéia. Libanilson vai falar e em seguida, Geraldo.

O Sr. LIBANILSON BRAGA OLIVEIRA:- Bom-dia a todos e a todas. Gostaria de saudar a Mesa, na pessoa da deputada Neusa, parabenizá-la pela brilhante iniciativa de convocar uma sessão com um tema tão importante; saudar, também, o ex-ministro Miguel Rossetto, do qual a gente reconhece a formatação e a consolidação das políticas públicas para a agricultura familiar no tempo em que ele estava à frente de uma pasta importante, que foi o MDA do nosso presidente Lula.

E dizer que o MLT, Movimento de Luta pela Terra, e a Coteba, Cooperativa de Trabalho do Estado da Bahia, têm acompanhado de perto, têm participado desse assunto tão importante. Estamos construindo junto com a Petrobras, junto com os outros movimentos e também com o governo da Bahia este novo Programa de Biocombustível.

Estamos há mais de um ano participando de todos os fóruns e debates, mas temos uma preocupação muito grande. É que faltam políticas de estrutura, falta alinhar estruturas e políticas estruturantes para que a agricultura familiar de um modo geral... Olha que a Bahia tem, talvez, o maior número de agriculturas familiares no Nordeste, são mais de 600 mil



agricultores familiares que precisam ser inseridos, mas de uma forma bem estruturada, no processo de produção, e aí vem a nossa preocupação, estamos participando, estamos construindo essa política de biocombustíveis, queremos construí-la, mas precisamos estar atentos..., porque sem a estrutura, sem a política estruturante, nós, agricultura familiar, nunca, mas nunca mesmo, poderemos competir com o agronegócio, agricultura comercial, que vai estar lá sempre oferecendo seus produtores ao Programa Biodiesel.

Mesmo havendo os critérios para que as empresas do biocombustível tenham seu selo social e adquiram a produção da agricultura familiar, mas – e aí vou citar a Unicapes, Zé Paulo -, ainda precisamos não só de estrutura para poder competir com a agricultura comercial mas também – e aí, Lourival, você está certo – de pesquisas ao alcance da agricultura familiar.

Precisamos também, companheiros - e na semana passada o MLT protocolou na Coteba, um ofício na Seagri - Secretaria de Agricultura do Estado nesse sentido -, de isenção nas análises do solo da agricultura familiar no Estado da Bahia, que possui um laboratório na EBDA. Solicitamos que isso se torne uma política pública, e, para isso, o Estado da Bahia tem que tomar medidas, fazer uma portaria, o que for possível. As deputadas Neusa, Fátima e o deputado Bira poderiam incrementar... e tomar iniciativa no sentido de que a agricultura familiar tenha isenção na análises do solo.

Isso já é um ponto de partida, porque a gente tem que respeitar todas as realidades de cada território, de cada região, onde existem solos diferentes, e precisa viabilizar a agricultura familiar em cada região dessa. Para isso, como técnicos, não podemos pegar um pacote não podemos pegar um pacote e adotá-lo para determinada região.

Então, o primeiro passo, Lourival, é a pesquisa mais associada a uma análise de solo, e aí vêm as políticas estruturantes – seja da Petrobras, seja do Estado, seja do governo federal -, pois precisamos dar condições para a agricultura familiar competir... e participar..., respeitando a questão ambiental, a proporção de que tem que produzir alimentos, mas, com certeza, se a gente tiver, e houver, condições, vamos produzir, sim, aumentar a renda para a agricultura familiar, dar a resposta... e participar desse programa tão brilhante.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

Muito obrigado.

(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



5690-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. Geraldo Oliveira

Biodiesel.

A Sr^a PRESIDENTA(Neusa Cadore):- Com a palavra o segundo inscrito, Geraldo.

O Sr. GERALDO OLIVEIRA:- Boa tarde.

Gostaria de parabenizar a deputada Neusa por ter feito este debate, de fazer minhas as palavras do companheiro Libanilson e também inserir nesse contexto do biodiesel algumas outras propostas, a exemplo da que o companheiro Zé Paulo iniciou, ou seja, que as cooperativas de produção, de assistência técnica e também financeiras pudessem estar fazendo parte desse trabalho para que a gente pudesse ter outras conquistas no biodiesel.

Se não houver essa integração nas políticas das organizações de produção, de assistência técnica e financeira, os resultados podem não ser os que a Bahia e Sergipe podem ter, porque essa área de ação da Petrobras está inserida... é realmente é estratégica, mas é preciso que haja uma integração no processo tanto de conhecimento quanto de crédito e de produção.

E a Assembléia Legislativa, começando com esse trabalho aqui, pode impulsionar o governo do Estado a ter outras ações estratégicas também na produção.

É preciso que a Petrobras dê a sua parte, a sua contrapartida a esse trabalho, mas é preciso que outras ações sejam encontradas para que se tenham resultados, porque o agricultor familiar não tem, e jamais terá, condições de bancar o equilíbrio da natureza, o equilíbrio sustentável com seus recursos e seus custos, sem que tenham incentivos.

Assim como o agronegócio já teve subsídios no passado para a cana e a soja, é necessário que a agricultura familiar, neste momento, tenha incentivo, que não é esmola nem prejuízo para o Estado, é investimento para que haja uma diminuição total do desemprego e, também, um equilíbrio na questão do êxodo rural.



Se não houver esse incentivo, se não houver essa integração, jamais o programa de biodiesel, de biocombustível para o País vai ter o resultado esperado. Pode ter o resultado de combater o aquecimento global, mas não vai ter o resultado de inclusão social, o qual é tão propagado e tão falado pelo companheiro, o presidente Lula.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5691-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. Valfredo Dourado

Biodiesel.

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Com a palavra o representante da EBDA, Sr. Valfredo Dourado.

O Sr. VALFREDO DOURADO:- Boa-tarde a todos. Eu sou engenheiro agrônomo e gostaria de parabenizar a deputada por tão importante iniciativa desta sessão especial.

Os temas que foram abordados e a discussão que se deu aqui em torno do biodiesel, focado, principalmente, para a cultura da mamona, mostram que temos que dar as mãos e ir em frente.

A EBDA tem desenvolvido alguns trabalhos, nós temos algumas variedades de mamona, inclusive a recentemente lançada em conjunto com a Embrapa, que é a Nordestina Paraguaçu, materiais bastante promissores para o sistema da agricultura familiar, agora, precisamos atender a uma demanda, a uma necessidade urgente para que nós possamos mudar um pouco esse quadro, digamos assim, vergonhoso quanto à produtividade registrada na Bahia, sendo uma das variáveis responsável por ela o problema da semente.

Apesar de termos colocado aqui o Estado ter fomentado, a própria Petrobras ter fomentado semente para a agricultura familiar, nós precisamos ser mais urgentes ou atender a essa demanda mais em tempo. Nós temos sentido que as sementes têm chegado um tanto atrasadas e para isso nós propomos e encaminhamos aqui que possamos produzir, em nível de Estado, através da própria agricultura familiar, sementes demandadas por esse setor.

Sabemos que essa demanda vai muito além do que tem sido ofertada e também precisamos melhorar ou investir de uma forma não... Sabemos que a intenção e a moção no sentido de que isso venha a acontecer está existindo, que é fomentar algumas ações no sentido de melhorar solos degradados, melhorar solos compactados e isso, realmente, alavancaria, com certeza, o sistema de produção de nossos agricultores.



Mas, para isso, precisamos, também, atentar para o momento certo, a hora certa, não procurando fazer essas etapas muito em cima, porque sabemos que o agricultor familiar vive daquela pequena gleba e, quando chove, a reação dele é de que plante o que tiver e da forma que o solo esteja disponível.

Então, nós temos trabalhado junto a esse setor, capacitando técnicos e, agora mesmo, estamos concluindo uma ação programada, quando ainda Dr. Jânio coordenador do programa do MDA Biodiesel, ações no sentido da capacitação técnica a agricultores, quanto à implementação do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel, para que em um próximo momento... Já elaboramos uma proposta junto ao MDA para que seja extensivo aos agricultores familiares, neste momento, já capacitamos algo em torno de 240 técnicos nessa área para que eles estendam esses conhecimentos. Ou seja, ações dessa natureza precisam realmente ser reunidas, juntadas, dadas as mãos e implementadas. Não tenho dúvida nenhuma de que o cenário do biodiesel na Bahia é muito promissor. Temos um público ávido e esperançoso por essa saída.

Foi muito sábia a proposta do governo federal, do governo Lula, quando apontou esse programa focado para a agricultura familiar, principalmente para a mamona. Com isso, com certeza, vamos evitar que nossos irmãos saiam das suas terras e venham passar necessidades em grandes centros, na esperança de solucionar os seus problemas.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5692-II

Ses. Esp. 10/12/08

Or. Cedro Costa e Silva

Biodiesel.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Passamos a palavra para o último inscrito, que é o Cedro, da CUT/Ba.

O Sr. CEDRO COSTA E SILVA:- Boa-tarde a todos. Saúdo a companheira Neusa Cadore pela excelente iniciativa desta sessão especial: Biodiesel e Agricultura Familiar – desafios para a inclusão social; saúdo também o companheiro Miguel Rosseto, que conheci através da televisão, à frente da luta dos companheiros do Movimento dos Sem-Terra. Isso faz bastante tempo, não é, companheiro?

Gostaria de apenas trazer a nossa simples colaboração com relação a essa excelente idéia do presidente Lula, que é típica de um governo popular, preocupado com as questões sociais do nosso País. Ele busca uma maneira de acabar, erradicar a pobreza no nosso País, levando para o campo a oportunidade para os agricultores familiares.

Queria também, de uma forma bem tranqüila, trazer a preocupação do nosso presidente Gabrielli, que acompanha bastante as iniciativas do nosso governo Lula. É um homem muito preocupado com essas questões. Economista de formação, entende muito bem a questão do campo, como a exclusão. Hoje, percebemos essa inclusão social de uma forma bastante exata, na medida do possível, haja vista o avanço desse projeto de governo Brasil afora.

Como sindicalista do ramo químico e petroleiro, não poderia deixar de me pronunciar e dizer que estamos abertos e ávidos a colaborar com esse projeto. Através do nosso sindicato, desenvolvemos o que chamamos de economia solidária. Já temos algumas experiências, como empresas de recuperação de plástico. Transformamos esses plásticos no granulado plástico, que iria para a natureza e hoje é vendido para as indústrias da terceira geração.



Assim como o diretor Miguel Rosseto falou, preocupado com a cadeia produtiva, temos a clara e nítida percepção de que podemos colaborar com essa cadeia produtiva. Temos experiência em fabricação de esmagadoras e na formação e gestão de cooperativas. Entendemos como função do sindicato organizar também a sociedade.

Portanto, estamos abertos à participação e esperamos que sejamos contactados para fazer parte desse time de sucesso.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 10/12/08

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Bem, já são quase 13 horas. Queremos agradecer a quem permaneceu conosco durante todo o tempo pela tolerância.

Acho que podemos registrar com satisfação que essa manhã foi, de fato, uma provocação. E as falas de vocês confirmam, mais uma vez, a necessidade de continuarmos o debate, o diálogo, de estreitar a relação das pessoas que estão envolvidas, dos interessados: os mandatos parlamentares, as organizações da sociedade civil, as empresas, as organizações do governo.

Queremos agradecer muito a presença de todos vocês, que contribuíram estando aqui, manifestando apoio e interesse.

Queria agradecer a cada participante da Mesa que trouxe para cá reflexões importantes. Agradeço a cada um na pessoa do nosso convidado especial, permitam-me, porque é uma pessoa importante para esse programa que, de fato, é uma grande oportunidade, não é Rosseto? Todos entendemos que é uma grande oportunidade.

E essa conversa, esse diálogo, convida a todos nós a traduzir essa oportunidade numa realidade nova para os agricultores e agricultoras do Semi-Árido para que a gente otimize esse momento histórico.

Então, o que queríamos era convidar todos para continuarmos com a disposição de, em qualquer nova oportunidade, como disseram vocês, estar de mãos dadas. Tivemos aqui a manifestação de apoio de Miguel Rosseto. Nós vamos precisar, e vamos abusar, no melhor sentido da palavra.

Acho que esta manhã não foi apenas um momento a mais, é um novo processo, um novo momento no qual esperamos ser parceiros para construir essa nova história.

Muito obrigada, uma boa-tarde e até uma próxima oportunidade. (Palmas)